

O processo de preservação da Fábrica de Laticínios das Fazendas Nacionais em Campinas do Piauí

Alcília Afonso de Albuquerque Costa



Doutora em Projetos Arquitetônicos pela ETSAB / UPC (Barcelona, Espanha). Professora Associada do curso de Arquitetura e Urbanismo do DCCA / CT / UFPI. Teresina [PI], Brasil. <kakiafonso@hotmail.com>.

CONPADRE'2010. Aprovado para apresentação.

Conferência Internacional sobre Patrimônio e Desenvolvimento Regional. Campinas e Jaguariúna [Brasil], 2010.

Resumo

Este texto que se intitula "O processo de preservação da Fábrica de Laticínios das Fazendas Nacionais em Campinas do Piauí" pretende abordar a questão da preservação do patrimônio industrial e rural piauiense, apresentado conteúdo de forma original e inédita, em nível nacional e internacional. Os dados expostos e as análises realizadas são referentes a um importante estabelecimento industrial, localizado em área rural do interior do Estado do Piauí, que fazia parte do patrimônio das Fazendas Nacionais, e que foi inaugurado em 1897. O trabalho se contextualiza no âmbito das discussões sobre importantes questões nas áreas de Patrimônio Industrial e Arquitetura Rural. O Estado do Piauí tem em sua formação histórica e social uma forte relação com a cultura rural, ligada ao ciclo do couro que desenvolveu a criação de núcleos urbanos oriundos de antigas fazendas de criação de gado que ocuparam inicialmente grande parte das terras piauienses. A Fábrica de Laticínios é um exemplar da relação entre o patrimônio rural e o patrimônio industrial no Estado do Piauí, e passa por um complexo processo para a sua preservação, conforme será analisado neste texto, que abordará questões pertinentes à relação intrínseca entre "Patrimônio e Desenvolvimento Regional", buscando contribuir para com o tema principal da Conferência Internacional sobre Patrimônio e Desenvolvimento Regional, que permitiu aprofundar temáticas relacionadas com "Paisagens da Produção: Indústria, Cultura e Natureza".

Palavras-chave

Paisagem cultural, patrimônio industrial, acervo arquitetônico rural, memória cultural.

The dairy preservation process on National Farms, in Campinas do Piauí

Abstract

This text, in Portuguese entitled "O processo de preservação da Fábrica de Laticínios das Fazendas Nacionais em Campinas do Piauí" aims to address the issue of preservation of industrial heritage and rural Piaui, content presented in an original and unpublished, nationally and internationally. The data presented and the analysis performed are related to a major industrial facility, located in a rural area in the state of Piauí, which was part of the heritage of the National Farms, which opened in 1897. This paper is focused on discussions about important issues in the area of Industrial Heritage and Rural Architecture. The State of Piauí has in its historical and social formation a strong relationship with rural culture, linked to the cycle of leather that has developed the creation of urban centers from the old cattle ranches that occupied much of the land originally from Piauí. The Dairy Factory is an exemplary relationship between the rural and industrial heritage in the state, and goes through a complex process for preservation, as will be discussed in this text. The text will address issues pertinent to the intrinsic relationship between "Heritage and Regional Development", aiming to contribute to the main theme of the Conferência Internacional sobre Patrimônio e Desenvolvimento Regional, which aims to explore issues related to "Landscapes of Production, Industry, Culture and Nature."

Keywords

Cultural landscape, industrial heritage, rural architectural patrimony, cultural memory.

Introdução

Este texto que se intitula “O processo de preservação da Fábrica de Laticínios das Fazendas Nacionais em Campinas do Piauí” pretende abordar a questão da preservação do patrimônio industrial e rural piauiense, apresentando um conteúdo de forma original e inédita, em nível nacional e internacional. Tem como objeto de estudo a Fábrica de Laticínios (Figura 1), que está implantada no município de Campinas do Piauí, e que se encontra em estado precário de conservação, mas passa atualmente, por um processo de tentativas de restauração e revitalização.

Os dados aqui expostos e as análises realizadas são referentes a este importante estabelecimento industrial, localizado em área rural do interior do Estado do Piauí, que fazia parte do patrimônio das Fazendas Nacionais, e que foi inaugurado em 1897. Através de levantamentos realizados pelo grupo de pesquisa “Amigos do Patrimônio”, do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI), coordenado pela professora Dra. Alcilia Afonso, cadastrado na UFPI, obteve-se acesso aos dados coletados para a elaboração deste trabalho que segue metodologia aplicada pelo grupo.

A Fábrica de Laticínios é um exemplar da relação entre o patrimônio rural e o patrimônio industrial no Estado do Piauí, e passa por um complexo processo para a sua preservação, conforme será demonstrado neste artigo.

Trata-se de uma edificação de grande valor arquitetônico e histórico, e que demonstra a vanguarda dos atores envolvidos no planejamento e na implantação desta obra, no final do século XIX, em uma região totalmente desprovida de infraestrutura naquela época.

A implantação da Fábrica de Laticínios no sertão piauiense durante o século XIX



Figura 1. Esboço da fachada principal da Fábrica de Laticínios em Campinas do Piauí, de autoria do estudante de arquitetura e urbanismo da UFPI, Roosevelt Cavalcanti. Grupo de pesquisa “Amigos do Patrimônio”. Fonte: AFONSO, A.; MORAES, M., 2009.

Segundo Prado Júnior (2006, p.259), os últimos anos da Monarquia brasileira foram marcados pela intensificação da produção industrial. De cerca dos 200 estabelecimentos industriais que existiam no ano de 1881, houve um crescimento em 1888 para mais de 600, sendo 15% destes ligados à área de alimentação.

Esse surto industrial foi acelerado nos primeiros anos da República, por uma política mais “consciente” para proteger a produção do país, tendo um acréscimo de 425 fábricas no período compreendido entre os anos de 1890 e 1895, havendo, a partir de então, um recrudescimento constante da produção industrial brasileira, intercalada com alguns momentos de crise.

Da mesma forma, Prado Júnior coloca que ocorreu uma participação crescente da indústria de alimentos ao longo do séc. XX, que já em 1920 chegou à marca de 40,2%, com destaque para o congelamento de carnes. Toda esta “febre industrial”, porém, estava concentrada na Capital Federal, São Paulo e Rio Grande do Sul. Os demais Estados teriam uma participação muito pequena em todo esse processo.

No Piauí, na virada dos séculos XIX e XX o Estado mantinha ainda os traços de economia agrária, mas buscava acompanhar o ritmo nacional citado anteriormente, conforme pode ser constatado no texto abaixo:

O Estado almejava se “modernizar” e tentativas eram realizadas no sentido da diversificação econômica, a exemplo da implantação da fábrica de fiação de tecidos de Teresina, em 1893, e de alguns incentivos concedidos pelo Estado com o objetivo de possibilitar a implantação de indústrias várias, sem muito resultado. O charque, primeira manufatura do Piauí, continuava sendo produzido no litoral e pelo interior crescia a busca de produtos que a natureza oferecia especialmente a maniçoba para a produção da borracha. E toda a economia transitava – descendo e subindo – pelo rio Parnaíba (IPHAN-PI, 2008, p.34).

O Estado do Piauí teve em sua formação histórica e social uma forte relação com a cultura rural, ligada ao ciclo do couro que desenvolveu a criação de núcleos urbanos oriundos de antigas fazendas de criação de gado que ocuparam inicialmente grande parte das terras piauienses.

As fazendas piauienses predominavam a paisagem estadual, sendo compostas da casa-grande, da casa do vaqueiro, capela e cemitério. Os primeiros núcleos urbanos do Estado estavam implantados nos municípios de Oeiras, Amarante, Campo Maior, Piracuruca, Pedro II, e Parnaíba.

De acordo com Prado Junior (2006, p.66), as fazendas do Piauí foram logo as mais importantes de todo o nordeste, e a maior parte do gado consumido na Bahia provinha delas, embora tivesse que percorrer para alcançar seu mercado cerca de mil e mais quilômetros de caminhos.

Observa-se ainda que, no Piauí não houve uma predominância de escravidão negra, mas sim, indígena. E tal fato, influenciou na produção arquitetônica local, manifestada na construção de casas que empregavam técnicas e materiais nativos, como por exemplo, a madeira da palmeira carnaúba, de onde se extraíam a palha para a cobertura, os talos para a amarração da taipa de pau a pique, e o tronco para

confeccção de pilares e vigas.

A carnaúba foi o maior e o mais usado material de construção no Piauí. Até bem pouco tempo podia-se afirmar que a construção no território piauiense era de carnaúba (BARRETO, 1975, p.207).

A casa piauiense típica do período colonial era a morada inteira do Maranhão, que fora adaptada aos condicionantes locais. Geralmente estas eram de um pavimento, sendo raro encontrar “sobrados”. Barreto (1975) referindo-se à tipologia residencial típica do Piauí coloca:

A arquitetura é de pura expressão popular. A planta tem origem, o tipo maranhense de porta e janela, cuja evolução compreende os tipos de meia morada e morada inteira. A planta geralmente é em forma de L; algumas vezes em U (BARRETO, 1975, p.201).

Grande parte da produção piauiense arquitetônica urbana do final do século XIX adotava, tal como em outras localidades brasileiras, o ecletismo, que estava presente em todas as tipologias das classes mais abastadas. Em 1852, quando estava sendo implantada a nova capital do Estado, Teresina, antes instalada na cidade de Oeiras, o estilo dominante foi o ecletismo. Afonso (2002) coloca:

Em Teresina, o ecletismo encontrou um excelente campo de proliferação. A cidade planejada em 1852 adota como estilo de suas principais edificações, o ecletismo, o que se verifica em colégios, clubes, residências e demais tipologias (AFONSO, 2002, p.43).

Enquanto isso, a arquitetura vernácula continuava empregando os preceitos utilizados pelos indígenas em suas formas de viver e de construir, usando a taipa de pilão, coberturas em palha de carnaúba, piso em terra batida.

Assim, foi neste contexto local, em um cenário de grandes contrastes arquitetônicos que se planejou edificar e implantar uma grande fábrica para produzir queijo e manteiga, aproveitando-se da produção leiteira das grandes fazendas existentes na região sertaneja.

Contudo, a edificação da obra, o transporte dos grandes equipamentos, não foi tarefa fácil: não havia estradas, não havia transportes adequados, e tudo foi feito com muita “raça”, para concretizar um sonho idealizado pelo engenheiro agrônomo Antônio José Sampaio.

Apesar de todas essas dificuldades, a Fábrica de Laticínios foi inaugurada no dia 09 de abril de 1897, na localidade denominada Campos, da fazenda Castelo. Resultante, como já afirmado, de contratos de arrendamento que tinham como objeto principal as Fazendas Nacionais, funcionando até 1947.

Apesar do progresso industrial, as sucessivas secas dizimaram grande parte do rebanho, ocorrendo em função disso a paralisação da empresa. Com o término desta atividade, as terras foram integradas ao patrimônio estadual (FUNDAÇÃO CEPRO, 1992, p.101).

Com algumas particularidades que tornavam a tarefa de construir uma fábrica no

Piauí naqueles tempos ainda mais difíceis, o prédio possuía sua localização no meio dos sertões de dentro, a 40 léguas do meio de comunicação do Estado, o rio Parnaíba, sendo que não existia nenhuma outra fábrica de laticínios em outros lugares do Brasil, à exceção do Estado de Minas Gerais. Sobre a Fábrica, afirmou Pereira (2007):

Inaugurada em 1897, foi o mais arrojado empreendimento de industrialização no Estado e que, de alguma forma, daria continuidade da pecuária na região. Condições adversas frustraram o ambicioso projeto que pretendia aproveitar o potencial das fazendas nacionais, na inspeção de Canindé, para a produção de laticínios, beneficiamento da carne de gado e industrialização de seus derivados (PEREIRA, 2007, v.3, p.43).

O local no qual foi edificada a Fábrica de Laticínios havia sido no passado, propriedade do sertanista Domingos Afonso Mafrense, que ao morrer, em 1711, deixou como doação para os padres jesuítas, sendo posteriormente, após a expulsão destes em 1760, repassadas para o patrimônio real, divididas nas inspeções de Nazaré (Floriano), Canindé (Campinas) e Piauí:

Eram, ao todo, 17 fazendas, subdivididas em 24. Depois de terem passado pela administração de jesuítas, corte portuguesa e monarquia brasileira, essas terras ainda representavam o enorme latifúndio deixado por Mafrense e pela Casa da Torre, que, no Piauí, se estendia da foz do Canindé até o extremo sul da Província, em um prolongamento que chegou a corresponder à cerca de 140 léguas (IPHAN-PI, 2008, p.36).

Anos depois, estas terras foram arrendadas pela Monarquia para o engenheiro agrônomo Antonio José Sampaio, que acompanhou todo o processo de transição política entre Monarquia e República, passando por momentos difíceis para o andamento de seu empreendimento industrial na região. Mas, mesmo assim, a fábrica funcionou aproximadamente por cinquenta anos.

O projeto arquitetônico da Fábrica

Os responsáveis pelo projeto

O projeto arquitetônico da Fábrica é atribuído ao engenheiro alemão Alfred Modrack, que também foi autor do Teatro 4 de Setembro, construído em Teresina. Em ambos os projetos, Modrack adotou o estilo neoclássico para resolver a volumetria. Na obra do Teatro, iniciada em 1890 e concluída em 1894 (AFONSO, 2002, p.36) projetou um edifício com uma composição plástica simétrica, empregando elementos da linguagem neoclássica como frontão, modanatura bem marcada, pilastras pouco salientes, simetria na distribuição das esquadrias em arco ogival.

No projeto desenvolvido para o Teatro (Figura 2), o engenheiro alemão utilizou elementos de fechamentos mais rebuscados nas esquadrias e balaustradas, devido ao caráter tipológico da edificação urbana que requeria materiais construtivos de

melhor acabamento.

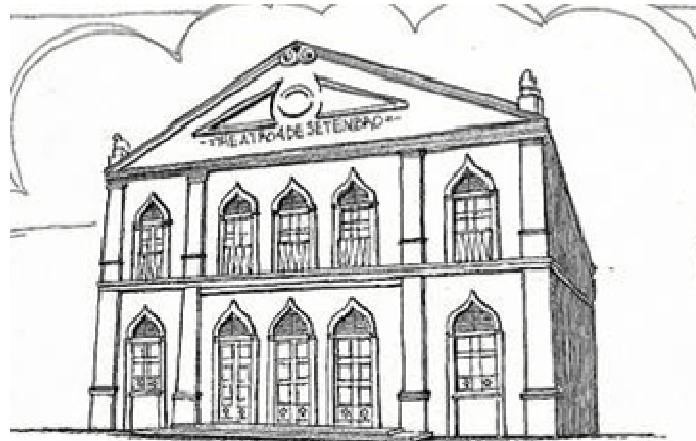


Figura 2. Esboço do frontispício do Teatro 4 de Setembro, em Teresina [PI], de autoria do estudante de arquitetura e urbanismo da UFPI, Roosevelt Cavalcanti. Grupo de pesquisa “Amigos do Patrimônio”.
Fonte: AFONSO, A.; MORAES, M., 2009.

Para o projeto da Fábrica, continuou empregando os mesmos critérios projetuais utilizados no Teatro, mas observa-se um maior rigor formal, mais simplicidade projetual e construtiva. Os projetos desenvolvidos por Modrack no Piauí ainda são pouco estudados e merecem investigações mais aprofundadas, pois há inclusive certas indefinições que comprovem a autoria de suas obras, conforme colocou Pereira (2007, v.2, p.274), sobre o projeto do Teatro 4 de Setembro.

O engenheiro industrial Antonio José Sampaio foi o idealizador da obra e responsável pela construção da Fábrica. Graduado na Escola Politécnica Federal de Zurique, Sampaio possuía um sonho e planejou bem a sua concretização:

Com um plano de racionalização do aproveitamento da área, Sampaio ainda se valeria de sua experiência e estudos na Europa para fundamentar seus intentos em relação às Fazendas Nacionais. As muitas informações deixadas por ele revelam que, não obstante se tratasse de um prédio isolado no meio do sertão piauiense, a construção da Fábrica de Laticínios foi fruto da avaliação das potencialidades econômicas da época e do espaço (IPHAN-PI, 2008, p.37).

Sampaio (1905, p.6) em obra escrita e publicada, explicou a motivação que o levou a concretizar o plano da implantação da fábrica, parte do seu projeto de vida (Figura 3), relacionando com a influência recebida em sua formação europeia:

Nascido no estado do Piauí, que se presta admiravelmente à expansão da indústria pastoril e tendo feito meus estudos na Suíça, onde a criação do gado e a exploração dos laticínios constituem a mais poderosa fonte de riqueza pública, nutri a aspiração, desde os primeiros anos de minha permanência naquele país de, ultimado o meu tirocinio acadêmico, voltando ao meu Estado, aproveitar a exuberância dos seus elementos naturais para doptá-lo de melhoramentos concernentes a esse ramo de actividade, sob cuja influencia ficaria garantida sua prosperidade (SAMPAIO, 1905, p.6).



Figura 3. Foto de Antônio Sampaio. Fonte: "A General Description of the State of Piauhy", 1905.

Muito bem relacionado na então província, ele foi arrendatário das Fazendas Nacionais do Piauí e juntamente com Francisco Parentes, teve a incumbência de realizar contratos pioneiros no período pós-abolicionista para desenvolver social e economicamente o Estado:

Assim seriam celebrados contratos de arrendamento entre o Governo Imperial e os senhores Antônio José de Sampaio e Francisco Parentes, responsáveis, respectivamente, pelo soerguimento da Fábrica de Laticínios e do Estabelecimento Rural São Pedro de Alcântara. Eles foram incumbidos de colocar em prática os novos projetos do Governo Imperial, estando a construção de ambos os prédios previstos e definidos nos respectivos contratos, com prazos a serem cumpridos e utilização de verbas públicas e/ou privadas. Esses promissores contratos seriam os pioneiros na tentativa de utilização racional das Fazendas, mediante projetos do Estado Imperial, que evidenciavam a busca de 'desenvolvimento humano e material' daquela região (IPHAN-PI, 2008, p.20).

Sobre o tema da economia piauiense e seus rumos na época analisada, existem trabalhos como o realizado por Mendes (2003), que trata a respeito da economia e desenvolvimento do Piauí, abordando questões pertinentes a este momento de forma bastante esclarecedora. A falência deste empreendimento pode ser entendida ao se considerar que o Brasil transitava entre esses dois regimes.

A crise desse empreendimento expressa – muito mais do que a desordem interna vivida pelo Piauí no período – a falência da Monarquia, as crises da República e uma tradição de lida com os bens públicos herdada de Portugal (IPHAN-PI, 2008, p.32).

Implantação

O município de Campinas do Piauí, onde a Fazenda encontra-se implantada, faz parte do chamado Território de desenvolvimento Vale do Rio Canindé, e está localizado na Microrregião Alto Médio Canindé, a aproximadamente 450 km de distância da capital Teresina, no centro-sul do estado do Piauí e possui uma área de 796,953 km². Faz fronteira com os municípios de Santo Inácio e Floresta do Piauí ao

Norte, com Isaías Coelho ao Leste e com Simplício Mendes a Oeste e Sul (Figura 4).



Figura 4. Mapa de localização. Disponível em: <http://www.cidades.com.br/cidade/campinas_do_piaui/002697.html>.

A origem do município data do ano de 1876, quando foi implantado o projeto da Fábrica, que foi planejada para absorver a produção leiteira das fazendas Canudo, Pilões, Castelo e Olho d'água dos Bois, todas estas pertencentes às fazendas nacionais.

Devido ao agrupamento em torno do prédio surgiu o então Povoado de Campos, onde moravam os diretores e funcionários da então fábrica, e Campos foi por muito tempo parte do Município de Simplício Mendes. Devido às Grandes Secas e à dizimação dos rebanhos, a fábrica sucumbiu restando hoje um imponente prédio em reforma que foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural (CAMPINAS DO PIAUÍ, <<http://www.campinasdopiaui.pi.gov.br>>).

Paralelamente ao desenvolvimento dessa indústria foram sendo construídas inúmeras casas para trabalhadores e funcionários, que deram formação ao núcleo urbano. Observa-se, contudo, que não houve qualquer relação visual, arquitetônica e urbanística entre a obra edificada e o seu entorno. A relação entre arquitetura e paisagem local é de estranhamento e desproporcionalidade: o edifício foi projetado de forma monumental para uma paisagem árida, e pobre. Até os dias atuais o edifício destaca-se no cenário urbano, que possui uma aparência rural, conforme pode ser constatado na Figura 5.



Figura 5. Foto da cidade de Campinas do Piauí [PI]. Disponível em: <<http://www.campinasdopiaui.pi.gov.br/portal1/municipio/galeria>>.

Em relação ao entorno, constata-se que a fábrica é a edificação de maior destaque no núcleo urbano de Campinas do Piauí, cuja tipologia é composta, majoritariamente, por edificações de um pavimento, de dimensões reduzidas, conforme descreve a proposta de tombamento federal (IPHAN-PI, 2008, p.62).

O prédio se impõe no espaço citadino de Campinas do Piauí pelas suas linhas, gabarito e imponência, sendo um marco urbano (IPHAN, 2008, p.62).

O citado documento aponta que a visibilidade da edificação é garantida pela existência de uma praça em frente a ela (Figura 6) e em função da grande largura da rua, estando o edifício situado em uma quadra vizinha à da Prefeitura, a uma escola e a uma Igreja (Figura 7).



Figura 6. A fábrica está situada na Praça Nelson de Moura Fé, no Centro de Campinas do Piauí, a 414 km ao sul de Teresina. Fonte: 19ª SR/IPHAN-PI, 2007.



Figura 7. Nesta planta está demarcado o perímetro de entorno do tombamento em nível federal, proposto pelo IPHAN-PI. Fonte: 19ª SR/IPHAN-PI, 2007.

Crêterios projetuais

O projeto proposto por Mondrack adotou linhas neoclássicas em sua linguagem plástica, utilizando, contudo, a tecnologia, os materiais e a mão-de-obra local. Peculiar a este projeto   o fato dele ter sido planejado desde a sua concep o original, para abrigar uma fábrica.

A  rea projetada e construída da edifica o totaliza 1.564 m², distribuídos em dois pavimentos. A soluço em planta apresenta 4 volumes: o corpo principal, em forma retangular, outro volume retangular na parte frontal e dois outros na parte posterior (Figura 8).

A chaminé se sobressai acima do corpo principal da edifica o.   importante ressaltar a especificidade da edifica o: como foi projetada para funcionar como fábrica, segue um programa bastante específico, que acabou por contribuir para determinar sua forma (IPHAN, 2008, p.59).

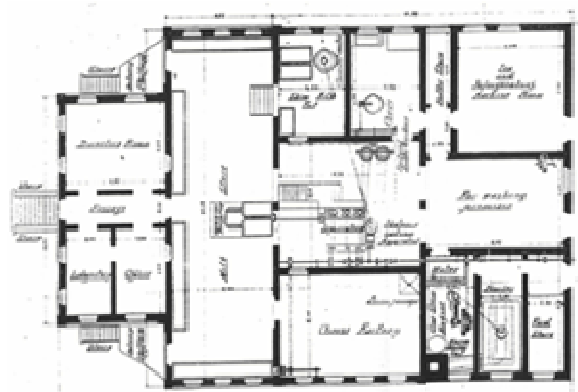


Figura 8. Planta baixa do pavimento superior original. Fonte: 19^o SR/IPHAN-PI, 2000.

A volumetria, conforme foi dito anteriormente, adotou o estilo neoclássico como linguagem (Figura 9), propondo uma fachada frontal, com modenatura feita por pilastras, apresentando frontão triangular, com presença de óculo, marcada por cornija com cordão e motivos geométricos. O telhado fica   mostra, sem haver sido adotado o uso da platibanda. Observa-se a aplica o de frisos de cornija, marcando a separa o entre o pavimento térreo e o porão. A constru o foi projetada elevada do solo, dando ainda mais imponência ao volume, que se destaca, ainda nos dias atuais, na paisagem local. O acesso   entrada principal, no eixo da fachada frontal da edifica o,   feito através de uma escada.

As aberturas da edifica o estão distribuídas simetricamente, com espaços equidistantes entre elas. As portas e janelas possuem vergas em arco abatido, característica que não integra o repertório de elementos neoclássicos (em que geralmente era utilizado o arco pleno) com moldura saliente contornando o v o, conforme análise realizada pelos técnicos da Superintendência do IPHAN no Piaul.



Figura 9. Fachada principal da Fábrica de Laticínios em Campinas do Piauí. Fonte: Proposta de tombamento dos Estabelecimentos das Fazendas Nacionais do Piauí. Vol.1, IPHAN, Superintendência do Piauí. Abril de 2008.

Em relação à cobertura, verifica-se que a edificação possui um telhado dinâmico, composto de doze águas, revestidas em telha cerâmica, distribuídas em cinco volumes, todas elas à vista, sem platibanda.

A solução estrutural do telhado adotou o emprego de tesouras em pau-d'arco lavrado e caibros e ripas de carnaúba, material bastante utilizado em coberturas no Piauí, conforme foi visto anteriormente.

Pereira (2007, p.43) escreveu sobre a solução adotada na cobertura do edifício (Figura 10), que o prédio, em alvenaria de tijolo, já neocolonizado, se afastou das características rurais sertanejas, mas que a estrutura de carnaúba da cobertura, entretanto, era o vínculo com a arquitetura tradicional.

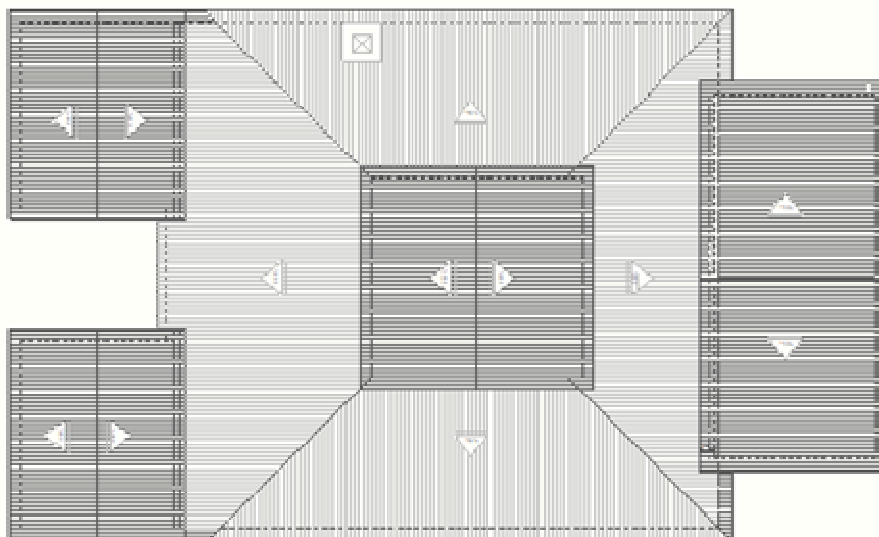


Figura 10. Planta de cobertura esquemática. Fonte: 19ª SR/IPHAN-PI, 2007.



Figura 11. Detalhes da estrutura de madeira da cobertura. Fonte: 19ª SR/IPHAN-PI, 2007.

Discussão

A Fábrica de Manteiga e Queijo das Fazendas Nacionais é um documento arquitetônico que narra um valioso fragmento da história da formação do Piauí e do Estado brasileiro.

A Fábrica foi tombada pelo departamento de patrimônio histórico estadual, através do Decreto nº 7294, de 26 de janeiro de 1988, e em 2008, foi realizada uma proposta de tombamento em nível federal, que atualmente encontra-se na procuradoria, após haver sido aprovada pelo DEPAM / IPHAN (Departamento de Patrimônio Material).

Foi realizado concomitantemente ao processo de tombamento federal, projeto de restauração de autoria do arquiteto Olavo Pereira da Silva, encomendado pela superintendência do IPHAN-PI, que prevê o uso diversificado dos seus espaços com uso cultural, educacional e prestação de serviços à comunidade de Campinas do Piauí, que foi aprovado no Mecenato do MINC, e possui financiamento assegurado pela Petrobras.

Segundo informações coletadas no IPHAN-PI, os recursos assegurados são da ordem de R\$ 600.000,00 (seiscentos mil reais). Sabe-se também que no ano de 2009, foi realizada uma primeira licitação para a obra, mas não houve participantes, provocando uma segunda chamada de licitação, mas que até o momento não foi fechada.

Segundo depoimentos dados pela superintendente do IPHAN-PI, Claudiana Cruz, a Fábrica sofreu um incêndio que destruiu a cobertura e seu madeiramento, fazendo com que no ano de 2008, o edifício passasse por uma reforma emergencial, recebendo uma limpeza geral, reforço para melhoria do telhado, e estruturação das paredes.

A importância deste estabelecimento foi analisada considerando dois pontos de vista: o primeiro, com enfoque baseado na perspectiva histórica, tanto em virtude do momento em que foi criado, como também por ter dado origem à cidade de Campinas do Piauí; e o segundo, em relação a sua arquitetura, pois se constitui em edificação emblemática do patrimônio edificado no Brasil entre o final do século XIX e começo do XX.

Atualmente, o prédio pertence ao poder público municipal. A Câmara Municipal de Campinas e a Assembléia Legislativa do Piauí já aprovaram moções de apoio ao tombamento federal da antiga fábrica.

Observa-se que o processo de revitalização desta importante obra vem conseguido a adesão de vários atores /agentes da sociedade piauiense, pois através de matérias publicadas em jornais impressos ou televisionados, pode-se constatar tal afirmação. São intelectuais, juristas, bem como, fundações culturais, como por exemplo, a Fundação Nogueira Tapety, que juntos reforçam a necessidade de se resgatar este importante acervo. Na justificativa de tombamento federal proposto pelo IPHAN-PI (2008), pode-se constatar o empenho destes atores no processo de resgate:

Finalmente, no ano de 2006, dois meses após a equipe técnica do IPHAN, em condições técnicas mais favoráveis, ter reiniciado os estudos para fundamentar a proposta de tombamento do conjunto da Fábrica de Laticínios das Fazendas Nacionais e da Escola Rural São Pedro de Alcântara, a Fundação Nogueira Tapety deu início a uma importante campanha em defesa do tombamento federal da Fábrica. Em ofício de 13 de dezembro, o Sr. Carlos Rubem Campos Reis desenvolve um "histórico", em que há um arrolamento das obras escritas que tratam da "Fábrica de Laticínios dos Campos", concluindo com "o sábio ditado popular: antes tarde do que nunca!" (IPHAN-PI, 2008).

Existe ainda, além da vontade pública dos atores envolvidos, uma forte ação política presente nas manifestações de apoio oriundas de discursos de deputados estaduais, federais e senadores que vêm pleiteando recursos junto aos governos federal, estadual e municipal para que o edifício possa ser restaurado e revitalizado.

Relata o processo de tombamento federal realizado pelo IPHAN-PI (2008):

A história desse processo de acautelamento já é antiga. Aqui devemos registrar alguns fatos que apenas comprovam o apoio incontestável devotado pela sociedade piauiense a esse tombamento federal. No ano de 1977, o chefe da Procuradoria do Estado, o Sr. José Eduardo Pereira, solicitava informações ao IPHAN para que pudesse "encaminhar o pedido [de tombamento federal] dentro das exigências regulamentares". A partir disso foi aberto um processo que – ao que tudo indica – foi arquivado em função de um erro "na digitação do banco de dados": Campinas do Piauí foi confundida com a cidade de Campinas paulista, impedindo a instrução do processo. Apesar disso, a fábrica manteve-se nos noticiários do Estado e o desejo de que o prédio fosse tombado era constantemente revigorado (IPHAN-PI, 2008).

Conclusão

Pode-se concluir que o processo de revitalização da antiga Fábrica de Laticínios é um desejo de preservação da memória coletiva de uma sociedade, que reconhece nesta edificação o valor histórico e arquitetônico que a mesma possui na formação histórica, social e econômica do Estado do Piauí, denotando uma forte relação entre a arquitetura rural e a industrial da época estudada.

Idealizada por um arrojado engenheiro agrônomo de formação européia, que arriscou construir em pleno sertão piauiense, no século XIX, um grande edifício neoclássico para produzir leite e manteiga, e que mesmo com as dificuldades enfrentadas de transição política entre o regime monárquico e a República, conseguiu durante meio século, inserir o Piauí no cenário industrial nacional.

Após a realização deste texto, conclui-se também, que há ainda muitos vazios nesta “história”, e que se necessitam maiores esclarecimentos a respeito de fatos levantados, como por exemplo, um maior aprofundamento investigativo sobre as fazendas nacionais no Piauí, a atuação do engenheiro alemão Modrack no Estado, e o trabalho precursor de Antônio José Sampaio.

Certamente, as reflexões aqui realizadas poderão despertar interesses em pesquisas futuras sobre estes temas, devendo colaborar com o entendimento da formação cultural do Piauí, e suas contribuições para a produção arquitetônica brasileira.

Referências

AFONSO, Alcilia; **Arquitetura em Teresina: 150 anos. Da origem à contemporaneidade**. Teresina: Gráfica Halley, 2002.

AFONSO, Alcilia; MORAES, Michele de. **Arquitetura Piauiense**. Teresina: Edufpi, 2009.

AFONSO, A. A revitalização do Centro de Teresina. **Revista Scientia et Spes**, Teresina, Instituto Camilo Filho, ano 1, n. 2, p. 35-47, 2002.

BARRETO, Paulo T. O Piauí e sua arquitetura. In: **Arquitetura Civil**. São Paulo: FAUUSP, 1975.

FUNDAÇÃO CEPRO. **Perfil dos Municípios**. Teresina, 1992.

IPHAN, Superintendência do Piauí. **Estabelecimentos das Fazendas Nacionais do Piauí**. Dossiê de Tombamento, volume 1. Teresina, abr., 2008.

MENDES, Felipe. **Economia e desenvolvimento no Piauí**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.

PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAMPAIO, Antônio. José de. **A General Description of the Stade of Piauhy**. Rio de Janeiro: s/e., 1905.

———. **Descrição Geral do Estado do Piauí**. Teresina: Imprensa Oficial, 1963. Tradução de Maria Cacilda Ribeiro Gonçalves.

SERRA, Geraldo Pesquisa. Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação. In: **Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. **Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauhy**. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2007.